



Congresso promoveu saberes e práticas nos cuidados intensivos

NO ÂMBITO DO VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CUIDADOS INTENSIVOS, DECORRIDO A 1 E 2 DE ABRIL EM MATOSINHOS, O PERSPETIVAS CONVERSOU COM O DIRETOR (FERNANDO RUA) E O ENFERMEIRO CHEFE (JOSÉ ANTÓNIO PINHO) DO SERVIÇO DE CUIDADOS INTENSIVOS DO CENTRO HOSPITALAR UNIVERSITÁRIO DO PORTO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE QUE SE REVESTE UM EVENTO DESTA NATUREZA PARA DIFERENTES AGENTES DO SETOR DA SAÚDE.

"Convocar os profissionais mais avançados", promover "a troca de impressões" e transmitir novo conhecimento científico, tendo em vista "o desenvolvimento do Serviço e uma constante atualização". É desta forma que Fernando Rua avalia as potencialidades daquilo que correspondeu a muito mais do que "um Congresso clássico dedicado apenas aos cuidados intensivos" e prossupôs – pelo contrário – uma lógica de interdisciplinaridade, englobando

"uma série de temáticas e pessoas que estão envolvidas no tratamento dos doentes críticos de todo o hospital".

Enquanto catalisadora de um sucesso que justificou mais de 2000 inscrições no evento organizado pela Associação de Apoio ao Serviço de Cuidados Intensivos do Centro Hospitalar Universitário do Porto (ASCI) em parceria com a Associação Portuguesa de Nutrição Entérica e Parentérica (APNEP), esta mesma interdisciplinaridade reveste-se de uma extraordinária importância. Efetivamente, perspectiva-se que, "no futuro, os hospitais terão maioritariamente doentes de Medicina Intensiva quer de Nível I, quer de Nível II (Intermédios)" – o que exige equipas devidamente adaptadas para tal –, à medida que os doentes menos graves tenderão a ser tratados essencialmente em ambulatório.

Por outro lado – e em paralelo à reflexão sobre temáticas e avanços como a utilização da ventilação não invasiva nos cuidados intensivos (uma área que sempre foi "muito querida" a Fernando Rua, tendo o nosso interlocutor sido pioneiro na sua implementação em contexto nacional) – antecipam-se dois gran-



Dr. Fernando Rua (Diretor do Serviço de Cuidados Intensivos do Centro Hospitalar Universitário do Porto)

Perspetiva-se que, "no futuro, os hospitais terão maioritariamente doentes de Medicina Intensiva quer de Nível I, quer de Nível II (Intermédios)" – o que exige equipas devidamente adaptadas (Dr. Fernando Rua)



Enf. José António Pinho (Enfermeiro chefe do Serviço de Cuidados Intensivos do Centro Hospitalar Universitário do Porto)

des desafios, no âmbito do nosso país. O primeiro corresponde à necessidade do "aumento do número de camas para cuidados intensivos" que ainda se revela "muito baixo nos hospitais portugueses". Efetivamente, "a percentagem do número de camas de doentes críticos tem aumentado exponencialmente na grande maioria dos Hospitais da Europa, mas em Portugal ainda não chegou ao necessário". Igualmente importante, todavia, é conseguir "o número suficiente de especialistas (em Medicina Intensiva) para ocupar as unidades de cuidados intensivos".

Refletir sobre a Enfermagem Intensiva

Falando em nome dos profissionais de Enfermagem Intensiva, José António Pinho sublinha, por sua vez, os benefícios de uma visão estratégica que procurou o valioso intercâmbio de saberes, experiências e inovações tendo em vista "discutir para conseguirmos alcançar a excelência padronizada". Não deverá, nesse sentido, constituir surpresa que o critério subjacente à escolha dos oradores convidados por este elemento da comissão organizadora tenha sido o valor das suas intervenções não numa componente teórica, mas na demonstração e partilha das melhores práticas profissionais.

Caracterizado por uma interessante abrangência de temáticas, o Congresso permitiu – a título exemplificativo – colocar a tónica em áreas como o controlo de infeção e a otimização dos registos a ele associados. Mas outro dos temas mais desafiantes foi a reflexão sobre "Que Enfermagem em Cuidados Intensivos: Liderança, Formação e Paixão", no seio da qual se discutiram alguns dos condicionalismos que se colocam ao exercício diário destes profissionais e de que forma é possível superar, em contextos de prática, essas mesmas limitações e, desse modo, conseguir liderar equipas devidamente motivadas. A pertinência em torno destas reflexões reforça-se numa conjuntura em que, tal como enfatiza o enfermeiro chefe, "temos uma unidade de cuidados intensivos com uma população muito envelhecida e paliativa, sendo necessária uma boa retaguarda para este tipo de doentes".

Mas se a realidade nacional atravessa um conjunto decisivo de novos desafios, importa recordar em que medida a partilha de sensibilidades profissionais entre congéneres portugueses e internacionais se tem assumido como bastante vantajosa. "Na área do intensivismo, temos – enquanto Serviço de Cuidados Intensivos do Centro Hospitalar Universitário do Porto – algumas parcerias com outros países e há imensa troca de informações e de resultados, bem como de procedimentos e atitudes", lembra José António Pinho. É precisamente este espírito de abertura que o Congresso procurou também reforçar, sempre com um objetivo ulterior: "melhorar os serviços prestados à comunidade e ao utente".